

Jonathan Ayerst

Recital de Inauguração do Órgão

15 Jan 2020
21:00 Sala Suggia

VIVE LA FRANCE!
ANO FRANÇA

Suite Improvisada em estilo Barroco francês

1. *Offertoire pour le jour de Pâques sur le chant O Filii*
2. *Fugue*
3. *Duo sur les Flûtes*
4. *Plein jeu*
5. *Basse de Trompète*
6. *Puer Natus est in Taille, à 5*

César Franck

Chorale n.º 3, de *Trois Chorales* (1890)

Olivier Messiaen

Dois andamentos de *L'Ascension* (1932-33)

1. *Majesté du Christ semandant sa gloire à son Père*
3. *Transports de joie d'une âme devant la gloire du Christ qui est la sienne*

Charles-Marie Widor

Symphonie 7 (1885, rev. 1918)

4. *Allegro ma non troppo*
6. *Finale*

Duração aproximada do recital: ca. 50 minutos sem intervalo.

O novo órgão hoje inaugurado é um instrumento baseado num computador com o software Hauptwerk, que reproduz o timbre real de órgãos de tubos históricos sob a forma de amostras gravadas (*samples*). A consola do órgão foi construída para a Casa da Música pela empresa holandesa Mixtuur, especializada na produção de órgãos deste género para salas de concerto e igrejas. A consola está ligada ao computador, controlando os sons de órgão ali arquivados e reproduzindo-os através de um sistema próprio de altifalantes. Neste recital será possível ouvir sonoridades reais de dois órgãos de estilo barroco e de um órgão romântico francês. Evocando as históricas sessões de inauguração de órgãos franceses, esta noite ouvimos Jonathan Ayerst a improvisar, numa primeira parte, uma suite ao estilo Barroco, e de seguida a percorrer algumas obras de figuras-chave da tradição organística francesa.

A suite de seis andamentos que abre o recital usa os sons de dois instrumentos que replicam a tecnologia dos órgãos barrocos, embora construídos em períodos mais recentes: nos andamentos 2 e 3 a fonte é o órgão da Igreja de Azzio, em Itália, construído por Mascioni em 2016; nos restantes andamentos, trata-se do Órgão da Igreja da Natividade da Virgem Maria em Szczecinek, Polónia,

construído por P. B. Voelkner em Bydgoszcz, no ano de 1908, e renovado em 2015. Em cada um dos andamentos, o organista escolhe um determinado registo, que se mantém até ao fim – daí os títulos *Duo sur les Flûtes* ou *Basse de Trompète*, que exploram precisamente os registos correspondentes à flauta ou ao trompete. Já em *Plein jeu*, é usado o registo de *tutti*, ou seja, abre-se todos os tubos resultando na sonoridade mais cheia do órgão em audição.

Quanto à criação da música propriamente dita, das linhas e das harmonias que darão forma à suite, o que Jonathan Ayerst faz é pegar nos modelos de música francesa barroca para órgão da sua preferência. “Olho para a música e analiso-a – o que lhe dá as suas características particulares? E procuro emular essas características. Mas penso que a certa altura é preciso pôr de parte o lado académico, porque não é suficientemente criativo, e pensar naquilo de que realmente gosto nesta música. A dramaturgia, a retórica, a forma como comunica, os movimentos harmónicos de que gosto particularmente. Sim, analiso-a, mas procuro depois interiorizá-la e integrá-la na minha própria linguagem. Naturalmente, pode perguntar-se: porque não simplesmente tocar os modelos que já estão escritos? A minha experiência como músico diz-me que vale sempre a pena improvisar, porque há algo vivo que é sempre estimulante para o músico e para o público que não é possível recriar na interpretação de música escrita. Por muito boa que esta seja, há uma espécie de previsibilidade inerente, da qual naturalmente podemos gostar. Mas atrai-me muito a ideia de a música erudita poder ser feita no momento.”

O estilo em que Jonathan Ayerst improvisa esta noite é baseado exclusivamente em modelos barrocos. Um desafio que se propôs a si próprio: como improvisar sujeito às restrições da harmonia tonal e superar dificuldades como a de chegar ao acorde correcto, ou a de criar polifonia. “O estilo atrai-me muito, e quando isso acontece quero fazer a minha própria música com base nele. Seria algo ridículo começar a compor nesse estilo, mas improvisar é perfeito, especialmente quando tocamos um instrumento que requer esse tipo de recurso: posso chegar a uma igreja e perceber que metade do órgão não está a funcionar, e que por isso não conseguirei tocar as peças que preparei. Improvisando posso sempre adaptar-me à ocasião e ao instrumento.” A suite apresentada baseia-se em títulos retirados de obras de Louis Marchand, um dos organistas virtuosos franceses mais conhecidos do período Barroco. Alguns temas poderão estar antecipadamente definidos, ou seja, não se trata de improvisações a partir do nada, mas todas as peças são de facto improvisadas. O tema da fuga, por exemplo, é estabelecido previamente – mas não está planeada a ordem de entrada das vozes, a organização das tonalidades e o desenrolar da forma.

Na segunda parte do concerto é o órgão romântico que está em evidência – neste caso, os sons provêm do órgão da Igreja de Notre Dame de Metz, reconstruído segundo as técnicas do célebre Aristide Cavaillé-Coll em meados do século XIX. Mas para compreender o contexto da música francesa para órgão em programa precisamos de recuar alguns anos. Com a Revolução Francesa nasce o anticlericalismo radical da Primeira República, que levou ao abandono e destruição de igrejas e inúmeros órgãos. A longa tradição do instrumento foi gravemente abalada, e a música tocada pelos organistas teve de adaptar-se aos tempos e às exigências de um novo regime, o que se revelou especialmente problemático dada a importância crucial do repertório sacro na tradição francesa. A instabilidade política ao longo da primeira metade do século XIX trouxe espaço para o encontro de novos caminhos para a música francesa. No que respeita ao órgão, os anos de tentativas de reconstrução da tradição perdida foram fulcrais. Um dos instrumentos com grande impacto foi o órgão construído em 1827 por Sébastien Erard em parceria com o inglês John Abbey, introduzindo técnicas até então não usadas em França, com especial notoriedade para as que permitiam controlar a intensidade do som sem necessidade de alterar os registos – um instrumento que ganhou o epíteto de *grand orgue expressif*. Poucos anos depois, em 1833, chega a Paris o construtor Aristide Cavaillé-Coll, que introduz definitivamente o órgão na estética romântica procurando dar-lhe todas as possibilidades expressivas de uma grande orquestra. Aos poucos os seus instrumentos chegam aos mais variados pontos de França e ao estrangeiro – existe um órgão Cavaillé-Coll na Igreja de São Luís dos Franceses em Lisboa, e outro na Igreja de Santa Maria de Lamas. Todas as peças tocadas na segunda parte deste concerto pertencem a esta tradição cultural e instrumental.

Natural de Liège, **César Franck** (1822-1890) fora nomeado organista titular da basílica neogótica de Sainte-Clotilde em 1857, cargo que ocuparia toda a vida. O órgão encomendado para esta igreja parisiense fica pronto dois anos depois, e o seu construtor é precisamente Cavaillé-Coll. Os *Três Corais* foram escritos em 1890, e o terceiro terminado cerca de um mês antes de morrer na sequência de um acidente ocorrido meses antes que o deixara fragilizado. Encontram-se aqui as harmonias cromáticas e um poderoso sentido melódico que marcam o estilo de Franck.

Charles-Marie Widor (1844-1937) exerceu enorme influência em várias gerações de organistas, enquanto professor do Conservatório Superior de Paris – sucedendo precisamente a César Franck. Natural de Lyon, foi titular do órgão da Igreja de Saint-Sulpice em Paris entre 1870 e 1933. O órgão que tinha à sua disposição é um dos grandes exemplares da obra de Cavaillé-Coll, que o reconstruiu em 1863. As dez sinfonias para órgão são as obras mais importantes do seu catálogo. Neste concerto, podemos ouvir dois dos seis andamentos da Sétima Sinfonia, que revelam a mestria de Widor no domínio do contraponto e na exploração de todas as possibilidades dos órgãos de Cavaillé-Coll.

O programa desta noite fecha esta ilustre linhagem da música francesa com **Olivier Messiaen** (1908-1992), que teve entre os seus professores Widor, no Conservatório de Paris, e o virtuoso Marcel Dupré (aluno também de Widor e sucessor deste em Saint-Sulpice). Foi nomeado organista titular da Igreja de Sainte-Trinité,

em Paris, com apenas 22 anos de idade, um caso sem precedentes. A Sainte-Trinité tinha dois órgãos Cavaillé-Coll, e Messiaen ocupou o cargo durante 61 anos, até à sua morte. Não foi, contudo, um compositor unicamente associado ao órgão, já que a sua obra extravasa largamente esse meio. *L'Ascension* é ciclo de meditações religiosas escrito para orquestra e só depois transcrito para órgão – embora o 3.º andamento, nesta versão, seja na verdade inteiramente novo. Os dois andamentos em programa são *Majestade de Cristo pedindo que o seu Pai o glorifique*, que parte da Oração Sacerdotal de Jesus “Pai, chegou a hora, manifesta a glória do teu Filho, de modo que o Filho manifeste a tua glória (João 17:1); e *Transporte do júbilo de uma alma perante a glória de Cristo, que é a sua própria glória*, baseado no versículo “Dai graças ao Pai, que vos tornou capazes de tomar parte na herança dos santos na luz, nos ressuscitou e nos sentou no alto do Céu, em Jesus Cristo” (Col 1:12; Ef 2:6)

FERNANDO PIRES DE LIMA, 2020

Jonathan Ayerst órgão

Jonathan Ayerst começou a estudar piano aos 5 anos, recebendo uma formação intensa desde cedo em canto coral nas escolas das catedrais de Truro e Wells. Nesta, conquistou uma bolsa para se especializar em piano. Teve ainda bolsas para estudar na Royal Academy of Music e em regime privado com Nellie Akopian.

É pianista do Remix Ensemble Casa da Música desde 2000. Com este agrupamento, por vezes como solista, participou em grandes festivais e projectos pela Europa e trabalhou com os maestros Peter Rundel, Emilio Pomarico, Reinbert de Leeuw, Stephan Albury, Peter Rundel e Martin André.

Jonathan Ayerst desenvolve uma carreira paralela como organista desde 2000. Em 2004 foi nomeado organista principal da Igreja de St. Benet Fink, em Londres, cargo que ocupou durante dois anos. Em 2010 foi galardoado com o ARCO (Associate of the Royal College of Organists), recebendo também o Prémio Sawyer and Durrant. Em 2012 foi nomeado Fellowship of the Royal College of Organists. Em 2015, depois de concluir o Mestrado com distinção em Psicologia para Músicos na Universidade de Sheffield (com a tese *Who wants to improvise a fugue?*), foi premiado com a Charles Alan Bryars Organ Scholarship para iniciar um Doutoramento na mesma instituição, com o título *A psychological study of classical improvisation: with special emphasis on learning techniques*. Entre 2017 e 2018, estudou técnicas históricas de improvisação em órgão com Jürgen Essl na Musikhochschule de Estugarda. Desde 2018, tem-se apresentado por toda a Europa em recitais de obras improvisadas, particularmente em idiomas do período Barroco.

Em 2010, Jonathan Ayerst fundou Capella Duriensis, do qual é director musical. Este ensemble vocal é já reconhecido como embaixador da cultura portuguesa, tendo-se apresentado em festivais em Portugal Continental e nos Açores e realizado várias digressões no Reino Unido (catedrais de Wells e Bristol) e nos Países Baixos (“Fabulous Fringe” do Oude Muziek Festival, Utrecht). Mais recentemente, o ensemble assinou um contrato para três discos a editar pela Naxos com o título *Portuguese Vocal Masterpieces of the 16th and 17th Centuries*.



Jonathan Ayerst sobre o programa do recital.

[HTTPS://VIMEO.COM/383718506](https://vimeo.com/383718506)

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

